



Universidade de Brasília

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

NAYARA GONÇALVES DE SOUZA

**ARTE COMO PROCESSO EDUCATIVO:  
POSSIBILIDADES OU LIMITAÇÕES?**

BRASÍLIA



Universidade de Brasília

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

NAYARA GONÇALVES DE SOUZA

**ARTE COMO PROCESSO EDUCATIVO:  
POSSIBILIDADES OU LIMITAÇÕES?**

Trabalho de conclusão de curso apresentada à Banca  
Examinadora da Faculdade de Educação como exigência  
final para obtenção do título de Pedagoga.

Orientadora: Profa. Dra. Patricia Lima Martins Pederiva

Co-orientador: Prof. Edson Cesar Marques Filho

BRASÍLIA

2019

## FICHA CATALOGRÁFICA

SOUZA, Nayara Gonçalves de

ARTE COMO PROCESSO EDUCATIVO: POSSIBILIDADES OU LIMITAÇÕES?  
/ Nayara Gonçalves de Souza – Brasília, 2019.  
30 p.

Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade de Brasília.

Faculdade de Educação, 2019

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Lima Martins Pederiva

Co-orientador: Prof. Edson Cesar Marques Filho

1. Perspectiva Histórico-Cultural; 2. Arte; 3. Educação; 4. Experiência.

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

NAYARA GONÇALVES DE SOUZA

### **ARTE COMO PROCESSO EDUCATIVO: POSSIBILIDADES OU LIMITAÇÕES?**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do grau de Pedagoga. Apresentação ocorrida em 04/12/2019.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

---

Profa. Dra. Patrícia Lima Martins Pederiva (Orientadora)

---

Profa. Dra. Andréia Pereira de Araújo Martinez (Examinador)

---

Profa. Dra. Maria Alexandra Militão Rodrigues (Examinador)

---

Prof. Ms. Edson Cesar Marques Filho (Examinador- Suplente)

BRASÍLIA/2019

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho à todes que passaram pela minha vida, sem vocês eu não seria quem sou.

## **AGRADECIMENTOS**

A minha mãe que sempre me aproximou da arte.

Aos meus companheiros da graduação pelo apoio e a todos os amigos que fiz durante este percurso acadêmico, cada dia com vocês foi uma oportunidade de aprender mais sobre a vida.

Aos meus amigos do Formancipa por todas as vivências e por me mostrarem a cada dia como a educação é potente e libertadora.

A Patrícia Lima Martins Pederiva por sua existência iluminada, por me acolher e acreditar no que eu tinha para dizer antes mesmo de eu saber como o fazer e Edson Cesar Marques Filho pelo incentivo e pelas dicas.

Ao grupo de estudos de Psicologia da Arte pelos grandes compartilhamentos e a turma de Educação Musical 2/2019 pelas descobertas e companheirismo.

Aos meus parceiros do TCC - Angélica, Ana, Bruna, Emerson, Ellen, Isabela, Marcela, Milena e Nathália - por me inspirarem a seguir nessa caminhada.

As professoras Maria Alexandra Militão Rodrigues e Andréia Pereira de Araújo Martinez por aceitarem compor a banca e contribuir para a conclusão desta etapa.

E a mim mesma, por não desistir mesmo quando ficou complicado.

## **RESUMO**

Este trabalho tem por objetivo fazer uma reflexão sobre como as artes têm se constituído enquanto processo educativo e, para tal, dialoga-se com as ideias de alguns autores com base na teoria histórico cultural de Vigotski. O trabalho está estruturado em formato de ensaio e traz reflexões com base em vivências artísticas proporcionadas pelos encontros nas disciplinas de Fundamentos da Linguagem Musical na Educação e Psicologia da Arte, ambas ministradas pela profa. Dra. Patrícia Lima Martins Pederiva.

**Palavras-Chave:** perspectiva Histórico-Cultural, arte, educação, experiência.

## **ABSTRACT**

This work aimed to make a reflection on how the arts have been constituted as an educational process and, for such, it dialogues with the ideas of some authors based on Vigotski's historical cultural theory. The work is structured as an essay and brings reflections based on artistic experiences provided by the meetings in the disciplines of Fundamentos da Linguagem Musical na Educação and Psicologia da Arte, both lectured by the PhD, Professor Patrícia Lima Martins Pederiva.

**Key-words:** historical cultural perspective, art, education, experience.



## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1: Criação de partituras musicais não convencionais	25
Figura 2: Roda	26
Figura 3: Bamboleio coletivo	27

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
COMEÇO	13
AQUILO QUE EU NÃO SEI FAZER, OU ME DIZEM QUE NÃO SEI	15
POTÊNCIA	18
UM NOVO OLHAR	21
VIVÊNCIAS E REFLEXÕES	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	30

## INTRODUÇÃO

Lembro de ter me perguntado o porquê daquilo diversas vezes.

Em um certo local, não muito distante daqui, existiu uma certa mulher que muito era admirada pelas suas certas histórias. Certo dia, ela decidiu que suas histórias deveriam ser colocadas no mais belo e certo livro de todos, e assim o fez.

A certa mulher, orgulhosa de suas histórias tão certas, pensou que nada seria mais certo do que ter as mais belas pinturas ilustrando a capa de seu belo livro. Esse livro seria replicado e cada habitante daquele certo lugar teria seu próprio exemplar. Reuniu, então, dezenas de artistas que se dividiram em grupos ao longo de uma semana para conseguirem concluir a quantidade de capas.

No entanto, naquela semana, houve um dia em que aconteceram coisas nem um pouco certas. “Para ilustrar a capa do meu belo livro” disse a mulher “Vocês devem pintar esse belo dia, com as mais belas cores que eu escolhi para vocês. Vocês podem pintar o que quiserem! Como, por exemplo, aquela certa árvore, esse certo pássaro ou certamente esse céu azul, nada de pintar aquela nuvem, mas, certamente, aquele riacho. Não! Nada de jacarés, apenas certas joaninhas”.

A certa mulher, com tanto para resolver, precisou sair por alguns instantes e antes de qualquer movimento decretou: “jamais, sob hipótese alguma, deve se misturar essas certas cores! Mistura é igual à bagunça e nesse certo livro não se permitem tais coisas”.

Acontece, que não misturar as cores era algo extremamente difícil. Os artistas até que tentaram seguir as ordens daquela certa mulher, mas as tintas sempre acabavam encostando um pouco umas nas outras. Pouco a pouco, eles foram descobrindo que quando uma cor se misturava com a outra, mais e mais cores iam aparecendo, cores diferentes, brilhantes. Os artistas estavam cansados das certas coisas que a mulher lhes havia dito para pintar, as novas e incertas cores estavam muito mais divertidas de trabalhar.

Qual não foi a surpresa da certa mulher ao retornar e ver que suas certas capas haviam se tornado uma tremenda “bagunça”, a ira lhe subiu pelo corpo e o pior aconteceu. Aqueles certos artistas ouviram que suas artes eram *erradas e feias*, ouviram ainda que pessoa alguma jamais ficaria contente vendo suas pinturas.

Os livros da certa mulher ganharam as certas capas que ela tanto queria, feitas com capricho pelos certos artistas de outro certo lugar, quanto àqueles outros artistas foram proibidos de pintar daquele incerto jeito naquele certo lugar, todavia, estavam livres para pintar do único jeito que era permitido naquela região, o jeito certo.

FIM

## COMEÇO

Essa história que acabam de ler é baseada em um episódio ocorrido durante um estágio que fiz em um Jardim de Infância. O ponto central desse trabalho se construiu ao longo de uma junção de sutis inquietudes ao longo da minha trajetória escolar e eu tomei consciência do mesmo, após o episódio apresentado anteriormente.

Minha memória mais antiga relacionada ao desenho é de uma gincana escolar entre meu 1º e 3º ano onde ganhei um concurso de desenhos em nome da minha equipe. Desde então, eu sempre fui reconhecida como a “artista” por todas as instituições de ensino em que estudei, sempre gostei de criar e inovar, as inúmeras possibilidades existentes em tudo me encantava (e ainda encanta). No entanto, de algum modo, o título de “artista” me colocava em um patamar diferente dos demais, uma espécie de pedestal que só aqueles que nasceram com o “dom da criação” merecem estar.

Não me era desgostoso o título, de modo algum, eu gostava do que criava e me considerava uma artista, logo, me era confortável ser reconhecida como tal. O que eu nunca gostei foi da responsabilidade que isso trouxe, não houve um trabalho manual em que meus colegas não me pediram ajuda para que ficasse “bonito”, nenhum lugar por onde passei que eu não tenha escutado “Você faz, é você a criativa”. Aborrecia-me ter sido colocada em um local ao qual eu não pertencia e me inquietava todas às vezes em que eram propostas atividades artísticas que a grande parte das respostas eram “eu não sei fazer isso”.

Se todos estão constantemente criando como pode alguém dizer que não o sabe fazer? Se, quando mais novos, temos uma grande imaginação e nos expressamos sem pudor, por que quando mais velhos não o fazemos? **Em que momento da nossa trajetória o reconhecimento de si como um ser com potencial de criação se perde?**

Esses são os questionamentos que eu carregava comigo até perceber o padrão de comportamento de alguns educadores dentro das escolas em relação a isso. Durante os estágios que fiz em instituições de ensino e fazendo um paralelo com a minha própria trajetória escolar, percebi que nos anos iniciais a imaginação das crianças e seu potencial criador ainda é um pouco valorizado, mas, isso começa a ser podado a partir do momento em que a produção artística das crianças passa a ter um caráter de “ser para o outro” ao invés de “ser por si mesma”.

As vivências artísticas passam a ter uma intencionalidade de “*serem bonitas*”. Inúmeras vezes, presenciei os educadores fazendo os trabalhos pelas crianças para que ficassem esteticamente aceitáveis e vi adultos muito bem “deseducados” porque em suas trajetórias lhes foram tirados o espaço de ser.

Diante do exposto, este trabalho, que se constituiu como um ensaio, se propõe a pensar o papel das artes e como elas têm se constituído enquanto processos educativos. Por vezes irei caminhar um pouco nas entrelinhas contando histórias, conversando sobre o que tem sido entendido como arte, por quem e para quê. Como ela tem sido incorporada na educação e minhas reflexões a cerca de imersões em vivências artísticas.

## AQUILO QUE EU NÃO SEI FAZER, OU PELO MENOS ME DIZEM QUE NÃO SEI <sup>1</sup>

*Todas as crianças são artistas. O problema é como permanecer um artista quando você crescer.*

*Pablo Picasso*

Entregaram a Arthur uma folha de papel na qual ele deveria desenhar um rosto  
Ele já tinha visto tanta gente na vida, todo dia, que pensou não precisar de muito esforço.  
Mas como lhe disseram que aquele rosto desenhado estava meio torto para um lado, com um  
nariz arredondado e com a falta de um dente molar  
Ele percebeu que não sabia desenhar.

Um dia, na aula de artes entregaram um desenho a Arthur que ele deveria colorir  
Era uma das coisas que mais gostava, que sempre lhe fazia sorrir  
Mas quando lhe disseram que as cores não eram aquelas e que além das linhas não se deveria  
ultrapassar  
Ele percebeu que, na verdade, não sabia pintar.

Durante o ensaio para uma grande apresentação musical  
Arthur se empolgou e junto aos seus colegas criaram uma melodia sem igual  
Mas quando lhe disseram que aquilo era bagunça, um enorme absurdo  
Ele percebeu que na música não teria futuro.  
Não sabia cantar, dançar nem se atrevia  
não contava histórias nem esculturas de lama fazia

---

<sup>1</sup> Texto autoral.

Cresceu um pouco acanhado, sempre com medo de arriscar  
Conseguiu um emprego importante, vivia para trabalhar  
Tinha uma vida meio mecânica, sem sal, sem muito do que se orgulhar  
E quando lhe disseram estava no caminho certo  
Bem ali, onde ele não sentia nem um pouco completo  
Percebeu que aquele era um jeito bem estranho de se pensar.

Considerando minha trajetória pessoal e como compreendo o meio social em que estou inserida, percebo que as artes, em grande parte, nunca receberam a devida importância. Ken Robinson, durante um discurso para o *TEdTalks Education* (2006) em que defendia um sistema educacional que estimule o potencial criador das pessoas, comentou que todos os sistemas educacionais do planeta tem a mesma hierarquia de disciplinas.

É importante ter cuidado com a generalização, sabe-se que Robinson utilizou uma hipérbole para enfatizar sua mensagem e também por ser algo muito recorrente, mas ainda assim não é absoluto. A educação está inserida em uma sociedade com culturas e tempos históricos específicos, no entanto, é fato que parte considerável do sistema educacional público e privado tende mais para o lado tecnicista e, dentro da hierarquia de disciplinas, “no topo estão a matemática e as línguas, depois as humanas e por último as artes” (ROBINSON, 2006).

Pensando dentro da ótica escolarizada facilmente percebemos a desvalorização das artes, começando com a segregação da mesma pela organização do tempo escolar, como uma disciplina ministrada no máximo duas vezes por semana, como se nas outras disciplinas e nos outros espaços dentro e fora da escola não existisse arte, além de ganharem espaço principalmente em datas comemorativas por meio de apresentações ou em forma de perfeitas produções que são avaliadas para obtenção de nota. Ou seja, o aluno é aos poucos convencido que as artes não têm relevância para o seu desenvolvimento humano. “O estudante é, desse modo, «escolarizado» a confundir ensino com aprendizagem, obtenção de graus com educação, diploma com competência, fluência no falar com capacidade de dizer algo novo. Sua imaginação é «escolarizada» a aceitar serviço em vez de valor.” (ILLICH, 1985, p. 16)



Uma das razões pela qual as artes são colocadas numa posição inferior dentro das instituições de ensino, e na vida em geral, está ligada a crença de que as áreas de conhecimento que estão no topo demandam um nível de exercício cognitivo e esforço maior que as demais áreas, por isso são mais prestigiadas e tem valor para a vida.

As pessoas tendem a elogiar o caráter criativo infantil e isso se reflete nas instituições escolares. Na educação infantil é muito presente a organização de momentos em que as crianças possam exercer seus processos criadores:

No início do processo de escolarização, na educação infantil, há uma menor cobrança dos conhecimentos adquiridos e, por isso, há sobra de algum momento de fissura, espaço para as artes e para uma possibilidade de vivências de processos de criação, imaginação, invenção e experiências estéticas, diferentemente dos outros níveis de ensino subsequentes. Mesmo que com um caráter imitativo e muito direcionador, contra a ideia de liberdade artística, é o momento em que identifica-se a possibilidade do exercício da imaginação criadora por meio de músicas, desenhos e outros dispositivos. Contudo, é na virada do Ensino Fundamental que se vê iniciar um processo, primeiramente, de substituição destes momentos minimamente livres para os de pura reprodução. (SÁ, SALGADO, 2019, p.160)

Ao meu ver, esses momentos de liberdade artística dentro desse modo de organização não existe. Primeiro que, se algo precisa ser autodenominado “livre” para ser percebido como tal, algo está errado. Pelo que eu me recorde de quando eu era estudante, tudo acaba sendo direcionado de um modo ou de outro, no fim do dia a música vai ter que obedecer à regras para ser válida, a dança não poderá conter movimentos se eles forem considerados inadequados e o desenho vai estar preso a um conceito. A organização do fazer artístico enquanto processo educativo não é processo, é resultado. Onde, como é descrito pelos estudantes em suas memórias dessa organização:

[...] o foco era o “outro” e não o “eu”, era importante entender que existiu aquele que pensou, “o artista”, e eu, aquele que aprende a pensar como o artista. Assim sendo, a finalidade da educação consistiu em espelhar um modelo de aprendizagem que não incluía o estudante como parte ativa desse processo (SÁ, SALGADO, 2019, p. 157)

Ao distanciar o estudante do processo e o colocar na posição de mero reprodutor de um saber que “não lhe pertence” a arte passa a ter dois direcionamentos distintos, uma voltada para os “artistas”, as pessoas que tem o dom, e outra direcionada para “pessoas comuns”.

Sendo a primeira geralmente voltada para incentivar as capacidades do artista e a segunda agindo de forma limitada por considerar que as pessoas que estão fora do grupo dos “artistas” não têm a mesma capacidade de compreensão e produção que eles. “O fato é que ninguém se pergunta por que algumas pessoas são mais bem dotadas, mas por que outras são menos.”(VIGOTSKI, 2003, p. 244)

Essas pessoas que não são tão incentivadas, ou melhor dizendo, são mais podadas, cada vez mais perdem a confiança em suas capacidades e ao passo que vão envelhecendo, é mais comum que se distanciam das artes, que acabam sendo transpostas para o plano do lazer.

Desse modo percebe-se que durante esse processo, constantemente nos é imposto um caminho, na realidade um descaminho. Descaminho, pois a pessoa é desvirtuada, ela não só é privada do autoconhecimento de seus interesses e sua própria trajetória, como também lhe são podadas as alternativas de caminho (SÁ, SALGADO, 2019, p. 158)

## POTÊNCIA

A teoria histórico-cultural diz que a arte é um fenômeno humano e que é a ferramenta das emoções:

As artes são atividades humanas que carregam em si os diversos modos de ser e estar no mundo. Expressam diferentes culturas e relações singulares entre pessoas, sociedades, espaços, tradições e costumes. Estão marcadas por tempos históricos específicos e por questões sociais que estruturam suas formas e conteúdos. Elas traduzem nossa humanidade, principal e essencialmente no que tange às nossas emoções. (PEDERIVA, 2018, p.2)

As emoções são culturais, a arte é cultural. Não é resultado unicamente do artista, pois esse é um ser social e assim é também a sua criação, afinal, entre o homem e o mundo está ainda o meio social (VIGOTSKI, 1999, p. 319) a própria técnica é fruto de relação social, constituída na interação do indivíduo com seus pares.

A arte é o social em nós, e, se o seu efeito se processa em um indivíduo isolado, isto não significa, de maneira nenhuma, que as suas raízes e essência sejam individuais. É muito ingênuo interpretar o social apenas como coletivo, como existência de uma multiplicidade de pessoas. o social existe até onde há apenas um homem e as suas emoções pessoais. (VIGOTSKI, 1999, p. 315)

Tudo que foi feito pelo homem traz um histórico enorme de influências de outras pessoas. Mesmo que atribuam algum feito à uma única pessoa como, por exemplo, à invenção da lâmpada elétrica a Thomas Edison. Ele nunca teria elaborado e produzido tal artefato se não tivesse sido provocado pelo ambiente à sua volta, a forma como se relacionava com o mundo, com as pessoas, objetos que observava, tudo isso combinado é repertório imaginativo para sua criação. Assim também somos nós, nosso comportamento é produto da nossa relação com o mundo.

Nada se cria a partir do zero, do absoluto nada. "A atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa" (VIGOTSKI, 2009). Logo, é equivocado considerar alguém como um ser desprovido de potencial criador, pois seria considerar que essa pessoa não tem experiências anteriores quando, na verdade, acumulamos experiências desde a formação no útero materno.

A imaginação é uma condição totalmente necessária para quase toda atividade mental humana. Quando lemos o jornal e nos informamos sobre milhares de acontecimentos que não testemunhamos diretamente, quando uma criança estuda geografia ou história, quando, por meio de uma carta, tomamos conhecimento do que está acontecendo a uma outra pessoa, em todos esses casos a nossa imaginação serve à nossa experiência. Assim, há uma dependência dupla e mútua entre imaginação e experiência. Se no primeiro caso a imaginação apoia-se na experiência, no segundo é a própria experiência que se apoia na imaginação. (VIGOTSKI, 2009, p. 25)

A arte não é unicamente o lazer, não tem por função comunicar sentimentos estéticos, é mais que isso. A arte é uma importante ferramenta de equilíbrio do organismo com o meio social, é o “mais forte instrumento na luta pela existência” (VIGOTSKI, 1999, p. 310).

Quanto mais simples e elementares são as nossas relações com o meio, tanto mais elementar é o transcorrer do nosso comportamento. Quanto mais complexa e delicada se torna a relação entre organismo e o meio, tanto mais ziguezagueantes e confusos se tornam os processos de equilíbrio. Nunca se pode admitir que essa equilíbrio se realize até o fim de maneira harmoniosa e plana, sempre haverá certas oscilações da nossa balança, sempre haverá certa vantagem da parte do meio ou do organismo, Nenhuma máquina, mesmo a mecânica, jamais conseguirá funcionar até o fim usando toda a energia que não podem encontrar vazão em trabalho útil. Neste caso surge a necessidade de descarregar de quando em quando a energia não utilizada, dando-lhe vazão livre para equilibrar nossa balança com o mundo. (VIGOTSKI, 1999, p. 311)

A arte é o meio adequado de atingir esse equilíbrio com o meio, pois sua verdadeira natureza implica em algo que transforma, que supera o sentimento comum. Uma reação estética baseada na contradição de sentimentos. “Ao nos suscitar emoções voltadas para sentidos opostos, só pelo princípio da antítese retém a expressão motora das emoções e, ao pôr em choque impulsos contrários, destrói as emoções do conteúdo, as emoções da forma, acarretando a explosão e a descarga da energia nervosa” (VIGOTSKI, 1999, p. 272).

Por essa razão, não se pode reduzir a arte à expressão de um sentimento:

Para ambas as coisas se faz necessário ainda o ato criador de *superação* desse sentimento, da sua solução, da vitória sobre ele, e só então esse ato aparece, só então a arte se realiza. Eis por que a percepção da arte também exige criação, porque para essa percepção não basta simplesmente vivenciar com sinceridade o sentimento que dominou o autor não basta entender da estrutura da própria obra: é necessário ainda superar criativamente o seu próprio sentimento, encontrar a sua catarse, e só então o efeito da arte se manifestará em sua plenitude (VIGOTSKI, 1999, p. 314)

Diferente do que é entendido em senso comum, o potencial criador não é uma capacidade de um grupo específico de pessoas que nasceram com mais afinidade para isso. “A criação, na verdade, não existe apenas quando se criam grandes obras históricas, mas por toda parte em que o homem imagina, combina, modifica e cria algo novo, mesmo que esse novo se pareça a um grãozinho, se comparado às criações dos gênios.” (VIGOTSKI, 2009, p. 15)

Ou seja, combinar, recombina, ressignificar é a base da criação. Combinar peças de roupa para compor um visual, combinar ingredientes e criar um prato para o almoço do dia, fazer uma famosa “gambiarra” para consertar algo danificado, pensar um novo caminho para conseguir chegar à um destino com mais rapidez... Tudo que passa pelo processo de reelaboração de elementos é criação, logo, todos estão constantemente exercendo a atividade criadora em seu dia-a-dia.

Ao limitar a criação das pessoas invade-se seus processos internos, Arthur - personagem da história que contei anteriormente - teve seu potencial criador castrado e se tornou um transmissor de falas alheias. As pessoas daquela história estavam mais preocupadas com os resultados de Arthur e o distanciaram de seu processo.

O importante não é o que as crianças criam, o importante é que criam, compõem, exercitam-se na imaginação criativa e na encarnação dessa imaginação. Na verdadeira encarnação infantil, tudo - desde as cortinas até o desencadeamento final do drama - deve ser feito pelas mãos e pela imaginação das crianças, e somente assim a criação dramática adquire para elas todo o seu significado e toda a sua força. (VIGOTSKI, 2009, p. 101)

Mesmo tendo sido propostas atividades artísticas, a maneira com que foram conduzidas criaram uma barreira para a vivência e internalização de seus significados.

## **UM NOVO OLHAR<sup>2</sup>**

Numa rua com as mais diversas lojas, havia uma que das outras se destacava. Uma loja que todos por ali conheciam e da qual todos falavam.

A loja de música da senhora Filomena era famosa pela mudança de vida. Vendia os melhores instrumentos e uma coisa era de certo garantida: aqueles que ali adentravam não eram os mesmos que saíam.

Pois bem, um dia - um daqueles em que o sol se levanta sorrindo e a brisa chega no rosto avisando que por aí vem notícia boa - chegou na loja da senhora Filomena um rapaz afobado e com ar melancólico, carregando consigo uma mala muito formosa.

“Bom dia, jovem senhor! Em que posso lhe ajudar?” - disse Filomena esbanjando um enorme sorriso.

A melancolia do rapaz se desvendou logo em seguida, ele dizia querer tocar os corações das pessoas através da música e para isso precisava do instrumento perfeito, a bagagem que carregava estava vazia e só o instrumento a poderia preencher, mas há muito tempo ele vagava pelo mundo em sua busca e nada dele aparecer.

“Ouvi da boca do povo que aqui reside a solução para o meu problema, minha bagagem anda demasiadamente vazia precisando urgentemente ser preenchida, por favor ajude-me com este dilema, traga-me o instrumento perfeito, dona Filomena.”

Ela então lhe perguntou com o que esse tal instrumento deveria se parecer, ele respondeu não ter preferência por cordas, metais, madeiras ou percussão, ela poderia lhe mostrar todos então. Acontece que naquela loja não se trabalha com esse tipo de material, foi quando abismado o jovem falou: que tipo de loja de música é essa afinal?

---

<sup>2</sup> Texto autoral.

“Aqui nessa loja o criançamento<sup>3</sup> é o objetivo principal, posso não ter nada do que queres, mas lhe darei aquilo de que precisas. Vejo pelo tamanho da bagagem que carrega consigo e por isso te afirmo com veemência, o que te falta, querido, é experiência. A mala de ninguém é vazia, posso te certificar venha comigo, vou lhe mostrar.”

O primeiro instrumento que ela entregou ao rapaz fê-lo sentir um pouco esquisito, era muito conhecido pelo nome de destampão de ouvido. O rapaz fechou os olhos e o pôs para funcionar assim como havia lhe dito a dona daquele lugar, ele não entendeu, não sabia direito o que fazer em seguida, foi quando, de repente, o aparelho começou a funcionar e aquele melancólico rapaz se pôs a escutar.

Escutou o tic-tac do relógio que lhe remeteu à infância, o gargalhar das pessoas na rua, o ventilador soprando as folhas sobre o balcão, o som que saía da vitrola na estante - muito parecida com a de seu avô João - ,o vento soprando as cortinas e até o carro que passava na esquina. Escutou de Filomena a respiração e, por fim, o seu próprio coração.

O rapaz já começava a ficar impressionado, Filomena percebeu o deslumbre do jovem com as batidas de seu coração e avançou para o próximo passo. “Agora vejo que chegou sua hora de trabalhar, por favor, comece o seu corpo lembrar”, ora aquilo o pegou de surpresa, lembrava-se muito bem de possuir todas as partes do seu corpo no lugar, na verdade se gabava por nunca sequer um osso quebrar. cinco dedos em cada pé e em cada mão, braços, pernas, joelhos, cotovelos, tudo ali. “Não entendo, Filomena. O que achas que falta aqui?”

Na verdade, não era disso que a dona falava. “Não é bem o que te faltas, mas sim o que esqueces de usar. Grande parte das pessoas esqueceram que embaixo de suas cabeças tem um corpo e andam por aí exibindo grandes crânios vazios. Você, que procura por um tal instrumento fenomenal, precisa entender que antes de tudo a música é essencialmente uma expressão corporal<sup>4</sup>. Corpo não é só ouvido e muito menos só cabeça tu já carregas um grande instrumento desde nascença”.

“Nada de grandioso é feito na vida sem um grande sentimento<sup>5</sup>, re-membre seu corpo, aproveite esse momento”. Filomena lhe mostrou como escutar seu corpo e produzir música com ele, descobriu sons antes desconhecidos e sentimentos reprimidos. “É maravilhoso!”,

---

<sup>3</sup> AMORIM, Roberto R. S. BATUCADEIROS: Educação por meio da percussão corporal / Roberto Ricardo Santos de Amorim, 2016. p.60

<sup>4</sup> PEDERIVA, Patrícia Lima Martins. Aulas de Educação Musical. Faculdade de Educação, UnB, 2019. (comunicação oral)

<sup>5</sup> VIGOTSKI, Lev Semionovich. Imaginação e criação na infância. São Paulo: Ática, 2009. p. 77

“por que eu não conheci isso antes?” pensou<sup>6</sup>. Não apenas com seu próprio corpo, mas com tudo a sua volta. O rapaz agora tinha um novo olhar, tudo queria ouvir, tudo queria tocar.

Filomena sentia-se feliz e realizada de ver a melancolia do jovem se dissipar e poder presenciar aquele novo brilho em seu olhar, recebeu dele a mala formosa para que daquele momento pudesse recordar e a colocou na prateleira em que guardava tantos outros presentes de tantos outros visitantes. Ele se despediu e até a porta se dirigiu, já não era o mesmo que ali adentrou, enquanto caminhava pela porta sorria, Filomena se despedia e dela o rapaz ouvia, aquilo que ela sempre falava, aquilo que aos visitantes sempre dizia: agora vá e viva!

## VIVÊNCIAS E REFLEXÕES

Durante o semestre de escrita deste trabalho fui convidada pela profa. Dra. Patrícia Lima Martins Pederiva a participar das disciplinas de Educação Musical e Psicologia da arte, ambas organizadas por ela. A disciplina de Fundamentos da Linguagem Musical na Educação (Educação Musical) é pensada dentro da perspectiva histórico-cultural que, como exposto anteriormente, considera que o ser humano é um sujeito social, inserido em uma cultura e com uma bagagem histórica que deve ser considerada (OLIVEIRA, 2016). A disciplina é essencialmente prática e nos convida a cada encontro nos reconectar com nosso ser musical e desenvolver nossa musicalidade.

Em Psicologia da Arte, cada encontro era dividido em duas partes, na primeira ocorria a discussão sobre um capítulo do livro, de mesmo nome, (VIGOTSKI, 1999) e na segunda parte tínhamos vivências artísticas, propostas pela turma, com a intencionalidade principal de simplesmente serem vivenciadas, ou seja, durante esse semestre, precisamente duas vezes por semana, vivenciei arte enquanto processo educativo pensada e organizada da maneira com que defendo: corroborando para o desenvolvimento integral do ser fazendo com que este se reconheça como potente e criador. Desse modo, tais vivências e minhas reflexões sobre elas são a experiência de campo com as quais irei dialogar neste momento do texto.

A história sobre a loja de música da Dona Filomena foi criada a partir das minhas percepções sobre a influência que as vivências em Educação Musical teve na minha formação e na de meus colegas de classe. No primeiro dia fomos convidados a compartilhar quais eram

---

<sup>6</sup> OLIVEIRA, Daiane Aparecida Araújo de. VIVÊNCIAS REFLEXIVAS DE UMA PEDAGOGA EM FORMAÇÃO SOBRE EDUCAÇÃO MUSICAL, 2016. p. 12

as nossas experiências musicais e, assim como o rapaz melancólico da história, a maioria de nós chegou naquele espaço da aula de educação musical com uma pré definição do que seria música e como esperávamos aprender algo que ainda não sabíamos.

Nos encontros que se seguiram tivemos inúmeras vivências musicais, nosso “destampão de ouvido” nos foi entregue e fomos convidados a perceber o ambiente a nossa volta escutando atentamente os sons em que estamos imersos constantemente. Criamos sons, instrumentos, representações, aprendemos que música é muito mais do que a concepção institucionalizada de uma organização sonora saída de rebuscados instrumentos, na verdade, vimos ainda que um único instrumento é um poço enorme de possibilidades e pode ser tocado e sentido de diversas maneiras, e que o nosso próprio corpo é um extraordinário instrumento musical por si só. Experimentamos, experimentamos e experimentamos mais ainda.

Nas vivências de Psicologia da arte pude bambolear, pintar, ser pintada, criar um elemento novo da natureza, ouvir histórias e contar histórias, tocar pife, tocar tudo. Todas essas vivências em ambas as disciplinas me fizeram perceber elementos importantes que devem ser considerados ao se propor arte como processo educativo.

Antes de tudo, o educador é responsável pela organização do espaço social, livre de julgamentos, de modo que seja confortável exercer a criação:

A presença da arte não é fator determinante para o processo de ampliação da experiência, porque depende de como ela é conduzida no ambiente escolar, mas, espera-se que a arte seja compreendida em sua essência, para que de fato esta ampliação ocorra, permitindo que as pessoas se desenvolvam a partir da maior quantidade de experiências possíveis. (OLIVEIRA, 2016, p. 24)

Um espaço social confortável que respeite as criações sem desmerecer nem impor regras. Robinson (2006) comenta que o sistema educativo tem acontecido de modo a apontar os erros dos estudantes como algo ruim, eles crescem acreditando que errar pode ser a pior coisa que pode acontecer e passam a se retrair e não tentar, é uma castração do processo imaginativo e onde começam a surgir as falas "eu não sei fazer isso", "não consigo", " não sou bom nisso".

A criação de cada um depende da experiência de cada um, por isso é única de cada ser e não pode ser avaliada. Como posso atribuir valor à um processo que não aconteceu em mim?



Em todas as vivências artísticas fomos encorajados a arriscar e não nos eram apontados erros, o maior exemplo para esse tópico foi na aula de educação musical em que levamos diversos instrumentos e os tocamos do jeito que queríamos: de ponta cabeça, com os pés, com o cotovelo... inúmeros jeitos. Pude perceber como as pessoas - eu inclusa - que inicialmente disseram não saber tocar determinado instrumento, foram ficando cada vez mais confortáveis em testar novas técnicas e, em outros momentos fora dessa disciplina quando surgia o assunto sobre saber tocar algum instrumento nos entreolharmos lembrando dessa aula e afirmarmos que sim, sabíamos!



Figura 1: Criação de partituras musicais não convencionais  
Fonte: Grupo de WhatsApp da turma de Educação Musical 2/2019

Em todos os encontros tínhamos um momento de compartilhar as impressões que tivemos das atividades, reflexões e como foi o processo, durante esses momentos foi possível ver como as pessoas reagiam quando se identificavam com a fala de alguém ou percebiam algo que elas mesmas não haviam notado. Uma atividade de educação musical, que consistia em criar uma paisagem sonora, ou seja, criar sons a fim de representar qualquer campo de estudo acústico elencado como, por exemplo, uma praia, uma feira, uma pessoa andando de metrô e etc. proporcionou esse exercício com a experiência anterior de cada um, procuramos em nossas lembranças de nossas experiências como eram os sons das coisas ou outros sons que poderiam servir para representar o que queríamos. Algumas vezes uma mesma paisagem

suscita diversas interpretações e isso se dá justamente por estarem conectadas com as experiências de cada um que são distintas.



Figura 2: Roda

Fonte: Grupo de WhatsApp da turma de Psicologia da Arte 2/2019

Todas as vivências foram coletivas e sempre havia troca de informações entre as pessoas possibilitando a elas ressignificarem sua própria experiência. Durante a atividade de bambolê consegui assimilar um dos movimentos de giro por meio do compartilhar da percepção de outra pessoa, que me disse para imaginar que eu estava desenhado uma figura no ar.

Nesse sentido, a imaginação adquire uma função muito importante no comportamento e no desenvolvimento humanos. Ela transforma-se em meio de ampliação da experiência de um indivíduo porque, tendo por base a narração ou a descrição de outrem, ele pode imaginar o que não viu, o que não vivenciou diretamente em sua experiência pessoal. A pessoa não se restringe ao círculo e a limites estreitos de sua própria experiência, mas pode aventurar-se para além deles, assimilando, com a ajuda da imaginação, a experiência histórica ou social alheias. Assim configurada, a imaginação é uma condição totalmente necessária para quase toda atividade mental humana (VIGOTSKI, 2009, p. 25)



Figura 3: Bamboleio coletivo

Fonte: Grupo de WhatsApp da turma de Psicologia da Arte 2/2019

Com a turma de Educação Musical foi mais perceptível a mudança de pensamento quanto ao reconhecimento de si mesmos como seres com potencial de criação. Acredito que isso não tenha acontecido tanto na turma de Psicologia da Arte porque a maioria das pessoas ali já eram familiarizadas com a teoria histórico cultural.

Como já coloquei anteriormente, a maioria - senão todos - dos colegas nessa turma tinham o pensamento de que nesse semestre iriam aprender coisas que eles não sabiam e que não eram seres musicais, a cada encontro durante o compartilhar das nossas reflexões era perceptível como, pouco a pouco, entendemos que já nos relacionamos com o mundo musicalmente e nossas experiências anteriores eram base para vivenciarmos novas propostas. Os inúmeros momentos de práticas e reflexões nos mostrava como criar é difícil, mas é algo que todos tínhamos capacidade de fazer e mesmo se tivéssemos pouca experiência referente a algum assunto aquele momento já estava servindo de experiência para momentos futuros.

A conclusão pedagógica a que se pode chegar com base nisso consiste na afirmação da necessidade de ampliar a experiência da criança, caso se queira criar bases suficientemente sólidas para a sua atividade de criação. Quanto mais a criança viu, ouviu e vivenciou, mais ela sabe e assimilou; quanto maior a quantidade de elementos da realidade de que ela dispõe em sua experiência - sendo as demais circunstâncias as mesmas -, mais significativa e produtiva será a atividade de sua imaginação. (OLIVEIRA, 2016, p. 23)

Foram grandes momentos de aprendizagem e compartilhamento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O que aqui expus não é tudo o que eu queria falar, mas foi o que consegui contar e isso também tem seu valor. Buscava entender porque as pessoas se sentiam tão incapazes no tocante às artes e encontrei grandes reflexões ao lado da teoria histórico cultural além de poder vê-las em prática durante as vivências artísticas com as turmas de Psicologia da Arte e Educação Musical. A arte é importante, é social, é acessível.

Este trabalho não pretendeu delegar a responsabilidade da desvalorização das artes à escola, compreendo que a utilização delas como processo educativo é um reflexo micro de como a sociedade se relaciona com as artes de modo geral, no entanto, reconheço a importância que os processos que nela ocorrem têm no desenvolvimento humano e acredito que uma mudança no cenário educacional referente ao tratamento com as artes só tem a oferecer ganhos para o ser humano em toda a sua unidade afeto - intelecto.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Roberto R. S. BATUCADEIROS: **Educação por meio da percussão corporal** / Roberto Ricardo Santos de Amorim, 2016.

OLIVEIRA, Daiane Aparecida Araújo de. **Vivências reflexivas de uma pedagoga em formação sobre educação musical**, 2016.

PEDERIVA, Patrícia Lima Martins. **Aulas de Educação Musical**. Faculdade de Educação, UnB, 2019. (comunicação oral)

PEDERIVA, Patrícia Lima Martins. **Educação musical emancipação**. Buenos Aires, 2018. Trabalho apresentado no IV encuentro hacia una pedagogía emancipatoria en nuestra américa.

ROBINSON, Sir Ken. **Do schools kill creativity?** Disponível em: [https://www.ted.com/talks/ken\\_robinson\\_says\\_schools\\_kill\\_creativity](https://www.ted.com/talks/ken_robinson_says_schools_kill_creativity). Acesso em: 2019.

SÁ, João V. B. G. SALGADO, Giulia Ribeiro. In: **A educação na vida e a vida na educação: uma abordagem histórico-cultural**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 197p.

VYGOTSKI, L. S. **Psicologia da Arte**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo. Martins Fontes. 1999.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Psicologia Pedagógica**: Edição comentada. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VYGOTSKI, L. S. **Imaginação e Criação na Infância**. Tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.